



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

PROJETO DE MODA INCLUSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

Inclusive Fashion Project: An Account of a Teaching Experience

Perez, Iana Uliana; Doutora; Centro Universitário Sagrado Coração, iana.uli@gmail.com¹

Resumo: este artigo relata uma experiência didática realizada com estudantes de Design de Moda, que envolveu o desenvolvimento de soluções estéticas para uma órtese e a criação de *looks* de moda inclusiva. Os resultados foram avaliados segundo critérios para o ensino em Design e diretrizes para desenvolvimento de tecnologias assistivas com conteúdo de moda. A experiência didática promoveu sensibilização e reflexão crítica sobre o papel social do Design de Moda, mas também evidenciou os desafios de se trabalhar com moda inclusiva.

Palavras chave: Design de Moda; ensino em Design; tecnologia assistiva.

Abstract: *this article reports on a teaching experience conducted with Fashion Design students, which involved developing aesthetic solutions for an orthosis and inclusive fashion looks. The outcomes were evaluated according to criteria for Design Education and guidelines for the development of assistive technologies with fashion content. The teaching experience fostered awareness and critical reflection on the social role of Fashion Design, while also highlighting the challenges of working with inclusive fashion.*

Keywords: *Fashion Design, Design education, assistive technology*

Introdução

A dimensão social da sustentabilidade demanda ações que promovam a equidade e a inclusão. A moda inclusiva, nesse contexto, configura-se como uma estratégia de design voltada à sustentabilidade social, pois, segundo Auler (2014), busca promover a inclusão de pessoas com deficiência ou cujos corpos não são contemplados pela indústria de moda. Se, por um lado, os rígidos padrões de beleza podem excluir grande parcela da população, por outro, a moda pode ser uma ferramenta de autoestima e inclusão social. Isso porque a aparência

¹ Doutora em Design pela Universidade Estadual Paulista, mestre em Design pela Universidade Federal do Paraná e graduada em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente, é professora de Design de Moda no Centro Universitário Sagrado Coração e pessoa com deficiência visual (baixa visão). Tem interesse e experiência nas áreas de moda e design, com ênfase nos seguintes temas: design para a sustentabilidade, inovação social, design inclusivo e *food design*.



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

é uma questão importante para pessoas com deficiência, que desejam sentir-se incluídas por meio da moda (Godinho, 2017). Contudo, projetos de tecnologias assistidas costumam subestimar a importância da moda, enfocando as funções práticas dos produtos e ignorando as estético-simbólicas (Cunha *et al.*, 2019). Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho visa relatar uma experiência didática realizada com estudantes do primeiro semestre de um curso de Tecnologia em Design de Moda. A experiência relatada consistiu na realização de um projeto educacional interdisciplinar envolvendo o desenvolvimento de soluções estéticas para uma órtese produzida com tecnologia de tricô 3D, a partir da demanda de uma empresa local, e a criação de *looks* para serem utilizados com a órtese, de modo a incentivar a participação dos estudantes no Concurso de Moda Inclusiva, promovido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo de São Paulo.

Moda inclusiva

A moda pode ser uma importante ferramenta para a inclusão de pessoas com deficiência quando permite o desenvolvimento da autoestima. Segundo Godinho (2017), a deficiência marca a construção da imagem pessoal motivo pelo qual as pessoas com deficiência desejam sentir-se belas; A pesquisa de Schneider *et al.* (2017) reforça esse anseio, pois todas as pessoas com deficiência entrevistadas pelos pesquisadores consideravam a aparência fundamental, reconhecendo a importância de se vestir bem para se sentirem bonitas. Por esse motivo, é essencial explorar as funções estético-simbólicas de produtos de moda inclusiva.

As funções práticas e as funções estético-simbólicas são fundamentais no estabelecimento da relação entre os objetos e os seres humanos, como afirma Löbach (2001), sendo possível que os produtos apresentem diferentes equilíbrios entre essas funções, dando destaque para uma função em detrimento da outra. No caso de produtos de moda inclusiva, é comum o enfoque nas funções práticas, devido às necessidades específicas de pessoas com deficiência no que diz respeito à funcionalidade e ao conforto do vestuário. Por conseguinte, faltam soluções que considerem a relação afetiva que pode ser estabelecida entre pessoas com deficiência e produtos de moda (Ferreira; Mendes 2015).

Projetos de tecnologia assistiva também costumam privilegiar as funções práticas, conforme argumentam Cunha *et al.* (2019), para quem esse enfoque pode estereotipar pessoas com deficiência, pois não considera a



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

diversidade desse grupo e a subjetividade dos indivíduos. Em vista disso, e considerando que explorar as funções estético simbólicas pode promover a integração social, a autoestima e a autoconfiança de pessoas com deficiência, Cunha *et al.* (2019) defendem que as tecnologias assistivas devem apresentar conteúdo de moda. Para isso, propõem as seguintes diretrizes para projetos de tecnologia assistiva: 1) pesquisar o perfil do usuário e saber seus gostos, desejos e aspirações; 2) não camuflar o produto com miniaturização, cor de pele ou transparências; 3) possibilitar a personalização do produto ou oferecer diversidade de modelos; 4) adotar características estético-simbólicas relacionadas à moda.

Pelo exposto até aqui, percebe-se que projetos de moda e de design voltados para pessoas com deficiência requerem cuidado para garantir a sua efetiva inclusão social, evitando a estereotipação e a estigmatização desse grupo de indivíduos. No entanto, a pesquisa de Perez e Martins (2024) revela que tais cuidados não são frequentemente considerados nas publicações sobre moda inclusiva, as quais muitas vezes relatam projetos que vão de encontro às diretrizes propostas por Cunha *et al.* (2019). Isso acontece porque o ambiente acadêmico reflete preconceitos existentes na sociedade (Lorandi; Gesser, 2023). O artigo de Mello (2023) exemplifica isso ao relatar a resistência do corpo docente em participar de um projeto de extensão na área do Design de Moda que tinha como público uma comunidade de pessoas com deficiência. São necessárias, portanto, ações no ambiente acadêmico que promovam reflexão crítica sobre a moda inclusiva e incentivem práticas com o potencial de promover a inclusão social de pessoas com deficiência.

Método

Este artigo adota o relato de experiência como procedimento metodológico, apresentando delineamento descritivo, natureza aplicada e abordagem predominantemente qualitativa. A experiência aqui relatada consistiu na condução de um projeto educacional envolvendo duas disciplinas de um curso de Tecnologia em Design de Moda: Pesquisa em Moda e Metodologia em Design. O projeto conduzido envolveu as professoras responsáveis pelas duas disciplinas, 18 estudantes matriculados no primeiro semestre do referido curso e uma empresa de produtos ortopédicos que recorreu à instituição de ensino em busca de apoio para a criação de soluções estéticas para as novas órteses em tricô 3D que estavam desenvolvendo. O projeto das órteses foi desenvolvido de maneira interdisciplinar, com suporte das duas professoras. Na disciplina de Pesquisa em Moda, contudo, também foram projetados *looks*



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

para serem utilizados com a órtese, de modo a incentivar a participação dos estudantes no Concurso de Moda Inclusiva, promovido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo de São Paulo, cujo prazo de inscrição coincidia com o período de encerramento do semestre letivo.

A abordagem metodológica adotada na disciplina de Pesquisa em Moda seguiu o modelo de projetos educacionais proposto por Barbosa e Moura (2013), estruturado em três etapas: definição de escopo, plano de ação e plano de monitoramento e avaliação. Como parte do escopo, foram definidos os seguintes objetivos para o projeto educacional: 1) desenvolver, em grupos, soluções estéticas inovadoras para órteses em tricô, considerando a identidade visual da marca parceira e as necessidades estético-simbólicas do público; 2) desenvolver, individualmente, um look de moda inclusiva que valorize e se integre à órtese. O plano de ação do projeto foi elaborado considerando um prazo de execução de oito semanas. As quatro primeiras semanas foram dedicadas à pesquisa de mercado, abrangendo investigação das necessidades funcionais e estético-simbólicas do público, análise de similares, verificação de materiais e processos produtivos e reunião dos discentes com representantes da marca parceira. Após a etapa de pesquisa, cada grupo elaborou um *briefing* de projeto contendo os requisitos identificados e um direcionamento conceitual. A partir do *briefing*, deram início à geração de alternativas e à elaboração de croquis. O plano de monitoramento e avaliação do projeto educacional considerou o acompanhamento semanal das atividades projetuais, com direcionamentos fornecidos a cada aula e orientação dos grupos. Ao final do semestre, cada grupo entregou um relatório e apresentou o projeto à professora.

Os resultados do projeto foram avaliados com base nas diretrizes de Cunha *et al.* (2019) para desenvolvimento de tecnologias assistivas com conteúdo de moda, anteriormente descritos neste artigo, e nos critérios indicados por Heller e Talarico (2016) para o ensino em Design - promoção do pensamento crítico, geração de conhecimento pessoal e retorno crítico docente. A análise dos resultados foi realizada pela docente com base nos relatórios de projeto e em informações e reflexões fornecidas pelos estudantes após a finalização do projeto educacional. Primeiramente, foi conduzida em sala de aula uma dinâmica coletiva para analisar criticamente o percurso projetual, indicando as dificuldades enfrentadas e os aprendizados proporcionados. Depois, os discentes responderam a um formulário eletrônico contendo 21 perguntas, majoritariamente de



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

múltipla-escolha, divididas em duas seções principais: 1) descrição e avaliação do projeto desenvolvido e 2) avaliação da experiência didática.

Apresentação dos resultados

O projeto educacional foi conduzido ao longo dos meses de abril e maio de 2025 na disciplina de Pesquisa em Moda, mas o projeto das órteses foi abordado na disciplina de Metodologia em Design apenas durante o mês de maio, tendo como enfoque a criação de soluções estéticas para uma joelheira, cujo protótipo estava sendo desenvolvido pela empresa parceira. No início do semestre, os estudantes apresentaram entusiasmo com a oportunidade de desenvolver um projeto em parceria com uma empresa local e a possibilidade de participar de um concurso de moda. Contudo, quando foi dado início ao projeto, o corpo discente aparentava menos interesse pelo trabalho, com faltas frequentes às aulas e às sessões de orientação. Não obstante, ao final do semestre letivo, os 18 estudantes do curso de Design de Moda, divididos em cinco grupos, apresentaram um total de cinco soluções estéticas para as órteses e 40 *looks* de moda inclusiva - embora tenha sido solicitado o desenvolvimento de um *look* para cada integrante dos grupos, alguns discentes apresentaram três *looks*. Nenhum estudante, contudo, se inscreveu no Concurso de Moda Inclusiva, promovido pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo de São Paulo.

Como parte do período de quatro semanas de pesquisa, os estudantes foram instigados a pesquisar o perfil do público, considerando tanto pessoas com deficiência quanto usuárias de órteses, para identificar suas necessidades práticas e estético-simbólicas. Dos cinco grupos, quatro utilizaram, além da pesquisa *desk* e da pesquisa bibliográfica, a netnografia como técnica de pesquisa de público, analisando principalmente perfis e canais em mídias sociais de pessoas que fazem parte do perfil do público do projeto. Um dos grupos entrevistou uma fisioterapeuta com experiência do atendimento a pessoas com deficiência para melhor entender suas necessidades práticas, e outro grupo contava com uma integrante que já cursara o curso de Fisioterapia. Para sintetizar os resultados da pesquisa, os grupos elaboraram personas, painéis de estilo de vida e, em alguns casos, mapas de empatia.



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O projeto das soluções estéticas para a joelheira seguiu o *briefing* elaborado a partir da reunião promovida entre o corpo discente e representantes da empresa parceira, que destacaram as seguintes diretrizes projetuais: atender a um público amplo e diverso; não utilizar cores chamativas; utilizar cores que escuras, que não destacam manchas e sujeira. Seguindo essas orientações, os grupos desenvolveram designs neutros (Figura 1), mas que valorizavam a órtese por apresentar cores que não se camuflam com os tons de pele: o Grupo 1 apostou no cinza escuro; o Grupo 2, em uma combinação de azul escuro com cinza claro; o Grupo 3 investiu em uma paleta de preto com azul petróleo; o Grupo 4 criou uma padronagem em cinza e verde musgo; o Grupo 5 desenvolveu um design elegante em tons de azul, com a etiqueta da marca destacada em magenta.

Figura 1: Soluções estéticas desenvolvidas para a joelheira da marca parceira



Fonte: A Autora (2025)

O Grupo 1 desenvolveu 15 *looks* (Figura 2) para pessoas com diferentes corpos e graus de mobilidade. Para atender às necessidades práticas e garantir autonomia ao usuário no ato de se vestir, adotou recursos como modelagens amplas, tecidos flexíveis, fechos simples, aberturas laterais e ajustes estratégicos. No que diz respeito funções estético-simbólicas, o grupo explorou uma estética urbana e contemporânea, ligada ao *streetwear*, em cores neutras e versáteis, transmitindo identidade e atitude.

Figura 2: Seleção de *looks* do Grupo 1



Fonte: A Autora (2025)



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

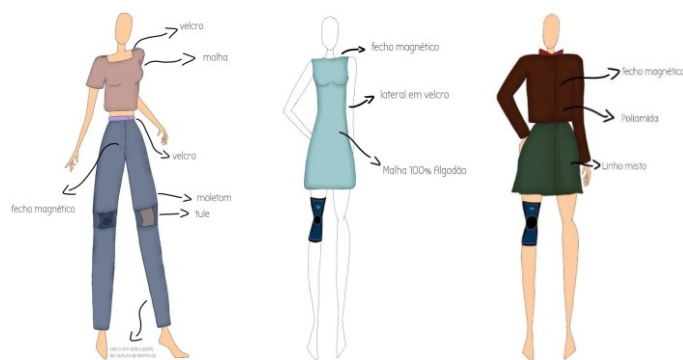
FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O Grupo 2 apresentou dois *looks* projetados para pessoas que utilizam prótese nas pernas. No que diz respeito à facilidade ao vestir, apresentaram duas saias com sistemas diferentes: uma de amarração, em estilo envelope, e uma com zíper infinito. O destaque em termos de estilo segue nas saias, seja pelo degradê em tons de roxo de uma das peças, ou pelo recorte criado pela sobreposição da saia-envelope. As blusas, por sua vez, apresentam modelagem simples, sem detalhes: blusa *cropped* de manga três quartos ajustada ao corpo.

Tendo como público tanto praticantes de atividades esportivas quanto pessoas com mobilidade reduzida, o Grupo 5 (Figura 3) focou na funcionalidade ao projetar seus cinco *looks*, investindo no velcro e em aberturas com fecho magnético para facilitar o ato de se vestir. A estética é casual e simples, mas dando destaque à joelheira mesmo no look com calça comprida, que apresenta recorte em tule na região dos joelhos para revelar a órtese.

Figura 3: Seleção de *looks* do Grupo 3



Fonte: A Autora (2025)

O Grupo 4, cujos participantes não participaram da maioria das sessões de orientação, optou por desenvolver três *looks* destinados a mulheres grávidas ou lactantes. Os estudantes incluíram nas peças detalhes para facilitar o dia a dia dessas mulheres, como botões e zíper com o intuito de facilitar a abertura no momento de amamentação, mas sem deixar de lado o estilo e as tendências de moda. Já o Grupo 5 (Figura 4) apresentou 15 *look* variados, que retratam a diversidade de estilos dos seus integrantes. As criações envolvem tanto peças focadas na liberdade sexual de pessoas com deficiência, explorando sua sensualidade, quando produtos pensados para pessoas que utilizam prótese e buscam por roupas com design contemporâneo, mas confortáveis e práticas



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de vestir, afora peças baseadas em referências futuristas e de moda urbana que visam destacar a individualidade da pessoa com deficiência, ao mesmo tempo em que normaliza e valoriza o uso da órtese como item de moda.

Figura 4: Seleção de *looks* do Grupo 5



Fonte: A Autora (2025)

Análise dos resultados

No início do semestre seguinte à entrega do projeto educacional aqui relatado, os estudantes realizaram uma dinâmica coletiva em sala de aula relembrar o processo projetual e fazer uma análise crítica, refletindo sobre o que funcionou no processo, o que poderia ser melhorado e o que foi aprendido em cada uma das etapas – pesquisa, *briefing* /conceituação. criação e elaboração dos croquis. Sete discentes, representantes de três dos cinco grupos (Grupos 2, 3 e 5), participaram ativamente desta dinâmica, enquanto quatro estudantes, integrantes dos demais grupos, mostraram-se desinteressados, não se envolvendo efetivamente na discussão e análise. Dois alunos haviam deixando o curso de Design de Moda após o término do primeiro semestre letivo e os outros cinco faltaram à aula no dia em que a dinâmica foi realizada. Depois, os discentes tiveram duas semanas para responder individualmente a um formulário virtual que visava promover a autoavaliação do processo projetual e de seus resultados com base nas diretrizes propostas por Cunha *et al.* (2019) para tecnologias assistivas com conteúdo de moda e nos critérios apresentados por Heller e Talarico (2016) para o ensino em Design. Apenas seis estudantes



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

dos 16 ainda matriculados no curso de Design de Moda responderam ao formulário, representando três grupos (Grupos 1, 3 e 5), o que representa uma taxa de adesão de somente 37,5%.

No que diz respeito à pesquisa do perfil dos usuários para verificar seus gostos, desejos e aspirações, - uma das diretrizes propostas por Cunha *et al.* (2019) -, 75% dos discentes que responderam ao formulário indicar ter utilizado a netnografia como técnica de pesquisa, analisando redes sociais e fóruns *online* de pessoas com deficiência. Somente uma aluna teve contato direto com uma pessoa com deficiência, que fazia parte de sua família, e outros dois discentes tiveram suporte de informações técnicas de profissionais de fisioterapia. Na dinâmica de reflexão, os discentes relataram ter conseguido acesso a boas fontes de informação durante sua pesquisa, embora tenha sido um processo difícil de busca, que demandaria mais do que somente um mês para conseguir aprofundamento do conteúdo pesquisado. O fato de o trabalho ter sido realizado em grupos foi um aspecto positivo, na opinião dos discentes, pois isso permitiu cooperação e divisão de tarefas de pesquisa, mas a docente observou que os Grupos 3 e 4 apresentaram dificuldade na coordenação e envolvimento de seus integrantes. Não obstante as dificuldades enfrentadas na pesquisa, os estudantes relataram na dinâmica de reflexão que esta etapa do projeto educacional lhes proporcionou entendimento da moda inclusiva e compreensão das dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência e de como se sentem excluídas pelo setor de moda. Já no formulário de avaliação do projeto, 67% das respostas indicam que os estudantes conseguiram compreender bem os desejos, dificuldades e estilo de vida do público pesquisado, enquanto 17% indicaram compreender completamente e outros 17%, parcialmente.

A segunda diretriz proposta por Cunha *et al.* (2019) recomenda não camuflar o produto com miniaturização, cor de pele ou transparências. De maneira geral, os estudantes apresentaram *looks* que colocava em destaque as órteses projetadas por seu grupo, seja ao criar peças de baixa curtas, que deixavam o joelho à mostra, seja ao colocar a órtese sobre calças ou mesmo criar recortes estratégicos que permitissem revelar parte da órtese. De fato, 50% das respostas ao formulário de avaliação indicam que houve preocupação em valorizar a órtese como parte central dos *looks* desenvolvidos. Ademais, na dinâmica de avaliação conduzida em sala de aula, um dos grupos destacou ter aprendido que uma pessoa com deficiência não necessariamente quer esconder sua deficiência com a roupa. Contudo, 33% das respostas revelam a tentativa de suavizar a apresentação da órtese, ainda



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que a ela tenham sido incorporados elementos estético-simbólicos, e 17% relataram ocultar alguns elementos, mantendo, contudo, a órtese visível.

Cunha *et al.* (2019) recomendam que seja possibilitada a personalização de tecnologias assistivas ou que sejam ofertados modelos diversos, ampliando as possibilidades de escolha de pessoas com deficiência. Entretanto, nenhuma dos produtos projetados pelos estudantes permitia sua personalização, embora os Grupos 1 e 5 tenham se preocupado em ofertar maior diversidade de itens de vestuário, sobretudo o Grupo 5, que apostou também na diversidade de estilos e propostas. No caso das órteses, o não atendimento a essa diretriz deve-se parcialmente às orientações da empresa parceira, que não se mostrou aberta à personalização ou oferta de modelos diferentes.

A quarta diretriz proposta por Cunha *et al.* (2019) diz respeito à adoção de características estético-simbólicas relacionadas à moda. Os trabalhos apresentados revelaram preocupação tanto com as necessidades práticas dos usuários, quanto com suas necessidades estético-simbólicas, incorporando à órtese e aos produtos de vestuário elementos de moda. Os Grupos 1 e 5 se destacaram nesse quesito, apresentando looks com estética urbana e contemporânea, revelando até mesmo ousadia estético-simbólica, no caso do Grupo 5. No entanto, 50% dos discentes indicaram no formulário ter priorizado mais a função do que a estética, enquanto os demais 50% se preocuparam em equilibrar as funções práticas e as estético-simbólicas. No caso das joelheiras, 50% dos estudantes avaliou que a solução estética desenvolvida por seu grupo para a joelheira apresenta pouca linguagem de moda, com alguns detalhes ou referência discretos e 35% apontam considerar a linguagem de moda moderada, com elementos visuais reconhecíveis no campo da moda. Somente 17% das respostas indicam incorporação de forte linguagem de moda à órtese, comunicando tendências, estilos ou conceitos claramente associados à moda. – 17%

Na avaliação final dos projetos desenvolvidos pelos discentes, 35% responderam estar satisfeitos, pois o resultado atendeu às suas expectativas, enquanto outros 35% se mostraram parcialmente satisfeitos, por considerarem haver equilíbrio entre aspectos positivos e negativos. Somente 17% relataram estar muito satisfeitos, tendo suas expectativas superadas, e outros 17% pouco satisfeitos, considerando haver vários aspectos a serem melhorados. Como justificativa de sua avaliação, os estudantes responderam em uma pergunta aberta do formulário fatores como: a necessidade de trabalhar melhor aspectos relacionados à funcionalidade dos produtos; necessidade



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de fazer uma órtese neutra, conforme solicitado pela empresa parceira, que não permitiu explorar de maneira mais criativa a solução estética para a joelheira; a falta de cooperação e envolvimento de integrantes do grupo.

Como resultado do ensino em Design, Heller e Talarico (2016) consideram essencial a promoção do pensamento crítico e a geração de conhecimento pessoal. As respostas dos estudantes ao formulário indicam que isso ocorreu como resultado do projeto educacional. Para metade dos que responderam ao formulário, houve ampliação da compreensão sobre as necessidades e desafios de pessoas com deficiência no contexto da moda, sendo que 17% relatou que o projeto despertou interesse em atuar com projetos voltados à inclusão e acessibilidade e outros 17% passaram a considerar a moda inclusiva como parte essencial do design de moda. Somente 17% responderam que o projeto não teve impacto profundo na sua forma de pensar, ainda que tenham passado a conhecer alguns aspectos da moda inclusiva. Os discentes também indicaram ter desenvolvido competências relacionadas à moda inclusiva, como a compreensão **de seus** princípios e diretrizes (83%) e a aplicação de soluções valorizem tecnologias assistivas, como órteses e próteses (50%). Destacou-se também o desenvolvimento de competências relacionadas à pesquisa em moda: Pesquisar o perfil e as necessidades de usuários específicos (83%); realizar levantamento de referências visuais e conceituais. (67%). analisar tendências e adaptá-las a contextos diversos (50%). investigar materiais, tecnologias e processos adequados ao projeto (50%). No que diz respeito às competências relacionadas ao projeto de vestuário, 50% dos estudantes que responderam ao formulário de avaliação relataram ter aprendido a Integrar aspectos estéticos e funcionais no Design de Moda. De maneira semelhante, alguns dos aprendizados apontados durante a dinâmica conduzida em sala de aula foram unir funções práticas e estéticas, além de desenvolver peças de vestuário mais inclusivas.

Outro aspecto essencial no ensino em Design, segundo Heller e Talarico (2016), é o retorno crítico docente. No formulário de avaliação do projeto, 83% dos discentes relataram ter recebido *feedback* das professoras envolvidas no projeto educacional em todas as etapas, enquanto 17% indicaram ter recebido somente na maioria das apenas. Importante ressaltar que, na disciplina de Pesquisa em Moda, o Grupo 4 não compareceu a todas as sessões de orientação e, no caso dos Grupos 1 e 3, era frequente que somente parte de seus integrantes participassem das orientações. Quanto à clareza e compreensão do *feedback* docente, metade das respostas ao formulário indicaram que as orientações eram sempre claras e objetivas, ao passo que a outra metade considerou as



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

orientações geralmente claras, deixando poucas dúvidas restantes. Desse modo, 67% das respostas indicam que a crítica docente contribuiu em alguns aspectos no desenvolvimento do projeto, e as demais 33% destacaram a crítica docente como decisiva para melhorar a qualidade final.

Como parte da avaliação global do projeto educacional, metade dos discentes que responderam ao formulário consideraram o processo projetual muito bem organizado, com etapas claras e bem definidas, sendo que a outra metade concorda que tenha sido bem organizado, mas acredita que alguns ajustes seriam necessários. Ainda assim, 67% das respostas indicaram que a realização do projeto educacional foi uma experiência positiva, com aprendizados claros. Na justificativa, os estudantes destacaram, os aprendizados sobre moda inclusiva, como poder ser conferido a seguir:

Minha percepção crítica sobre o projeto é positiva porque ele me permitiu aplicar conceitos de moda inclusiva de forma prática, desenvolver soluções que unem estética e funcionalidade, e refletir sobre as necessidades de diferentes públicos. Além disso, o processo trouxe aprendizados claros sobre pesquisa de usuários, criação de croquis e integração de tecnologias assistivas, fortalecendo minha visão sobre como a moda pode ser acessível e estilosa ao mesmo tempo [estudante A].

Acredito que foi bem positivo, aprendi bastante sobre vários aspectos da moda inclusiva, órtese e montar looks, aprendi sobre a vida de outras pessoas e seus desafios e como a moda pode sim ajudar e muito essas pessoas [estudante B].

Aprendemos muitas coisas que não fazia ideia em relação ao assunto moda inclusiva e deficiência [estudante C].

Esse projeto foi incrível e claro como a inclusão é importante na sociedade [estudante D].

O projeto gerou muitos aprendizados, pois era algo totalmente novo. Mesmo com algumas dificuldades na questão da órtese, meu grupo conseguiu trabalhar com excelência e organização. Na questão dos croquis, as ideias sempre foram claras para mim, então também foi uma ótima experiência, pois consegui unir o tema com a minha identidade pessoal [estudante E].

Os demais estudantes indicaram ter sido positiva a experiência, mas com pontos importantes a serem melhorados (17%), e que o projeto teve partes boas, porém com saldo geral mediano (17%). No formulário, a justificativa da avaliação global indicou os seguintes aspectos como negativos: foco em valorizar a órtese, que teria tornado mais difícil a concretização do projeto; dificuldades enfrentadas ao trabalhar em grupo; pouco tempo para a execução de cada etapa do projeto, o que não permitia o aprofundamento do conteúdo apresentado em sala de aula. Na dinâmica de avaliação do projeto conduzida em sala de aula, os discentes também



20º  COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

apontaram a necessidade de aumentar o prazo para execução de cada uma das etapas, sobretudo pesquisa, geração de alternativas e elaboração de croquis. Contudo, as principais queixas trazidas pelos alunos foram em relação ao projeto das órteses. Embora tenham considerado importante desenvolver um projeto para um cliente real e tenham tido bom entendimento da sua fala durante a reunião de *briefing*, gostariam de ter tido mais liberdade criativa, podendo utilizar maior variedade de cores, por exemplo.

No início da condução do projeto educacional, a falta de engajamento do corpo discente lembrou as dificuldades enfrentadas por Mello (2023) para obter o envolvimento de professores em um projeto de extensão sobre moda inclusiva. Ao final do semestre, os estudantes confirmaram a percepção da docente, relatando não terem se identificado com a temática proposta. Contudo, os resultados apresentados e a avaliação realizada pelos próprios discentes no início do semestre seguinte indicam que a experiência do projeto educacional foi satisfatória, pois a maioria das diretrizes de Cunha *et al.* (2029) foram seguidas de maneira completa ou parcial, assim como o projeto apresentou as características apontadas por Heller e Talarico (2016) como ideias no ensino em Design, visto que, na opinião dos estudantes, o projeto promoveu reflexão crítica e proporcionou o desenvolvimento de competências tanto de pesquisa e design, quanto de moda inclusiva e da realidade de pessoas com deficiência;

Considerações finais

O projeto educacional promoveu sensibilização e reflexão crítica entre os estudantes sobre o papel social do design de moda, apesar dos desafios enfrentados, como o curto prazo para execução e a dificuldade inicial de engajamento dos discentes com o tema, considerado complexo e pouco familiar. Essas limitações impactaram a aderência integral às diretrizes de projeto, porém as soluções apresentadas indicaram compreensão sobre a importância de não camuflar a órtese e de incorporar elementos simbólicos da moda. O fato de a experiência ter sido conduzida com uma turma ainda em seu primeiro semestre letivo, que nutria outras expectativas sobre o curso de Design de Moda, talvez justifique em parte as adversidades enfrentadas. Contudo, cabe salientar que a dificuldade de engajamento do corpo discente se deu não somente durante a execução do projeto, como em sua avaliação participativa, sendo a baixa adesão nesse momento uma das limitações do estudo aqui apresentado, uma vez que as percepções compartilhadas pelos estudantes que responderam ao formulário e participaram da dinâmica de



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

avaliação conduzida em sala de aula não são capazes de representar a turma como um todo. Ademais, ficou faltando o *feedback* justamente dos alunos menos engajados, os quais optaram por se isentar.

A experiência aqui relatada, portanto, evidencia os desafios de se trabalhar com moda inclusiva em projetos educacionais, mas também aponta caminhos para a inclusão de temáticas sociais no ensino em Design, ampliando a formação crítica dos futuros designers de moda. Socialmente, iniciativas como essa podem colaborar para a valorização da moda como ferramenta de inclusão de pessoas com deficiência. A originalidade do estudo reside na articulação entre ensino em Design, demanda real de mercado e inclusão, fornecendo subsídios para futuras práticas pedagógicas voltadas à moda inclusiva.

Referências

AULER, D. **A moda inclusiva**. dObra[s], v. 7, n. 16, p. 09-12, 2014.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **B. Tec. Senac**, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

HELLER, S.; TALARICO, L. **Escola de design**: projetos desafiadores de escolas do mundo todo. São Paulo: Editora Senac, 2016.

CUNHA, J. M. *et al.* Diretrizes para projetos de tecnologia assistiva com valores da moda: abordagem Behaviorista contra o estigma social. **DAPesquisa**, v. 14, n. 23, p. 88-105, 2019.

Ferreira, T. C. A.; Mendes, F. R. N. **Design inclusivo para a moda percepções sobre a roupa para mulheres com deficiência**. In: COLOQUIO DE MODA, 11., 2015, Curitiba. Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/POSTER/PO-EIXO1-DESIGN/PO-1-DESIGN-INCLUSIVO-PARA-A-MODA.pdf>. Acesso em 20 jul. 2024.

GODINHO, S. S. Além das aparências. **ModaPalavra**, v. 10, n.19, p. 82-97, 2017.

MELLO, J. A. Moda múltipla: experiências inclusivas no contexto da Síndrome de Down. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 7, n. 3, p. 01-16, out. 2023.

Löbach, B. **Design Industrial**: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Blucher, 2001.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Lorandi , J. M.; Gesser , M. A produção científica sobre o capacitismo no ensino superior: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Educação Especial**, v. 36, 2023. p. 1-23

PEREZ, I. U.; MARTINS, S. B. A abordagem da deficiência no design de moda: revisão integrativa em artigos de periódicos brasileiros. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 42, p. 181–202, 2024.

SCHNEIDER, J. *et al.* Etiquetas têxteis em braille: uma tecnologia assistiva a serviço da interação dos deficientes visuais com a moda e o vestuário. **Estudos em Design**, v. 25, n. 1, 2017. p.65-85